

VICISSITUDES QUE AFLIGEM OS PODEROSOS, SEGUNDO A VISÃO DE SÊNECA, NAS TRAGÉDIAS

Zelia de Almeida Cardoso (USP)

RESUMO: *Por meio da fala das personagens e dos cânticos do coro, Sêneca se refere muitas vezes, no texto das tragédias, às vicissitudes que afetam os poderosos: o poder é frágil, efêmero e instável, os poderosos são objeto de ódios e invejas, seus lares são constantemente ameaçados e suas vidas são cheias de cuidados.*

PALAVRAS-CHAVE: *Sêneca; tragédia latina; vicissitudes do poder.*

Daquilo que Sêneca insinua ou diz nas tragédias, pelas palavras das personagens, podemos depreender que os poderosos, muito mais do que os homens comuns, estão sujeitos a inúmeras vicissitudes. O poder é frágil, efêmero e instável, depende dos caprichos da fortuna; os poderosos são objeto de ódios e inveja; seus lares, confrontados com os dos plebeus, costumam ser cenários de crimes hediondos; a vida do rei é insegura e plena de preocupações. Esses aspectos do poder são focalizados em numerosas circunstâncias quer no decorrer de um diálogo ou monólogo, quer por reflexões do coro que deixam transparecer posturas filosóficas. O estoicismo, doutrina explorada por Sêneca em seus tratados e cartas, se faz muitas vezes presente nas alusões e considerações.

A efemeridade da vida é um tema grato aos estóicos. Tudo é passageiro, tudo segue seu curso, tudo caminha com rapidez, em direção ao fim. O coro de tebanos, ao entoar o párodo de *A loucura de Hércules*, faz referência a essas idéias, partilhadas por estóicos e epicuristas:

“Enquanto os destinos o permitem, vivei alegres: a vida se apressa em seu percurso veloz e a órbita do ano que se precipita revolteia no dia fugitivo; as inflexíveis irmãs prosseguem em

suas tarefas e não permitem que seus fios voltem atrás. Mas a raça dos homens se deixa levar em sua ignorância pelos destinos que a arrebatam: de nossa própria vontade vamos em busca das águas estíguas” (*HF*, 177-185).

Se a efemeridade da vida é um fato incontestável, a da situação dos poderosos é ainda mais sensível. A tragédia *As troianas* pode ser considerada como um texto exemplar em que se põem em realce a efemeridade e a fragilidade do poder, uma vez que o trecho revela não só a queda da cidade, mas, principalmente, as vicissitudes sofridas pela família real, antes poderosa e forte e agora destruída e submetida. A tragédia se abre com um prólogo recitado por Hécuba. A rainha, prestes a ser sorteada como uma das escravas que partirão para a Grécia, sob o domínio de um dos chefes gregos, evoca, em suas primeiras palavras, a inconstância do poder, dependente, em tudo, das oscilações da fortuna:

“Todo aquele que confia em seu trono e reina, poderoso, num grande palácio, e não teve receio dos deuses inconstantes e se entregou de espírito crédulo a coisas alegres, que me veja a mim e a ti, Tróia!

Nunca a Sorte apresentou provas maiores de como os soberanos se assentam sobre tão frágil base!” (*Tro.*1-5).

As palavras de Hécuba vão encontrar eco naquelas que, mais adiante, Agamêmnon endereça a si mesmo, ao dirigir-se, aparentemente, a Pirro:

Tu me tornas soberbo, Príamo? Tu me tornas temeroso. Poderia eu pensar que os cetros são algo mais que uma palavra, revestida de um brilho inútil, e que minha cabeleira se ornamenta com algo mais que um falso grilhão? Um rápido revés roubará tudo isso e talvez não com mil navios ou em dez anos! Não é a todos que a Fortuna ameaça com tanta lentidão!” (*Tro.* 270-275)

Em *Medéia*, embora a heroína afirme, em certo momento, que sempre foi capaz de impor-se à sorte, fala também das artimanhas da fortuna, capaz de produzir as maiores reviravoltas, atirando o poderoso do ponto

mais alto, em que estava, ao mais humilde e vil:

“A fortuna, inconstante e leviana, arrancou-me, com violência, do poder, levou-me ao exílio. Vá confiar no poder quando o volúvel acaso arremessa as maiores riquezas de um lado para outro!” (*Med.* 219-222).

É nos cânticos corais, entretanto, que encontramos as reflexões mais importantes sobre a efemeridade das coisas, a alternância de fatos bons e maus, a instabilidade do poder, a força do destino.

Os cidadãos de Micenas, no segundo estásimo de *Tiestes*, após fazerem considerações sobre o que julgam ser uma reconciliação entre Atreu e o irmão, falam da instabilidade que pode ser observada em tudo e principalmente nas questões relacionadas com o poder:

“Nenhuma sorte é durável. A dor e a alegria se alternam, cada uma à sua vez; a alegria é mais rápida. A inconstância do tempo permuta os extremos em um instante; aquele que traz um diadema em sua fronte, aquele diante de quem o povo estremece, dobrando os joelhos, aquele a cujo aceno tanto os medos e os indianos, próximos de Febo, abandonam a guerra, como também os daas cuja cavalaria ameaça os partos, ele segura o cetro com ansiedade, prevê e teme o acaso que manipula tudo, que movimenta todas as coisas, bem como a incerteza do tempo.

Vós, a quem o deus que rege o mar e a terra deu o supremo direito de vida e de morte, abandonai vosso ar soberbo e orgulhoso: com tudo aquilo que os seres inferiores temem de vossa parte, um senhor superior pode ameaçar-vos; todos os reinos se encontram sob um reino mais poderoso. Aquele que o dia, ao nascer, viu em sua altivez, o dia, ao morrer, pode ver caído por terra. Que ninguém confie em excesso naquilo que lhe é favorável; que ninguém deixe de esperar coisas melhores quando está infeliz. Cloto mistura tudo e impede a sorte de manter-se estável; o destino não pára de rodar. Ninguém conta com deuses tão favorecedores que possa prometer-se um amanhã: a divindade revolve nossas coisas num rápido turbilhão” (*Thy.* 596-622).

O coro de mulheres de Micenas, em *Agamêmon*, consagra todo o párodo para refletir sobre assunto semelhante. Fala inicialmente da sorte, que ludibria e inquieta os poderosos:

“Ó Fortuna, que enganas os reis com dádivas grandiosas, tu colocas os que estão excessivamente no alto à borda de um falso precipício; os cetros não conhecem o plácido descanso e o dia seguro; novas preocupações, entre outras, fatigam-lhes os espíritos e novos temporais os atormentam” (*Aga.* 57-63).

A referência aos temporais evoca a fúria da natureza, a força das ondas do mar da Líbia, menos temível que a da Fortuna, que comanda o destino dos reis:

“Não é dessa forma que se enfurece o mar, nas Sirtes líbias, ao revolver as ondas que fluem e refluem” (*Aga.* 64-65).

A consciência da instabilidade da sorte não permite aos poderosos o merecido repouso:

“A noite benevolente não lhes oferece um repouso seguro, o sono que afasta os cuidados não dá descanso a seus corações” (*Aga.* 73-76).

Além disso, os palácios são cenários de crimes hediondos e, mesmo que não haja guerras e traições, a grandeza se abate sob seu próprio peso. A tranqüilidade dos ventos não é tranqüilizadora; os cimos elevados são atingidos pelos raios; as mais belas cabeças do rebanho são escolhidas para serem imoladas.

E as mulheres de Micenas continuam:

“Tudo que a Fortuna colocou no alto se eleva para desmoronar” (*Aga.* 100-101).

Fortuna e destino são temas gratos aos estóicos. Ninguém comanda a sorte, ninguém foge ao destino. São forças que dominam a humanidade, forças poderosas contra as quais é impossível lutar. Se nos exemplos ante-

riores, os coros de micenianos enfatizaram a questão da sorte, no último estásimo de *Édipo* – a tragédia que exemplariza a força do destino – o coro de tebanos rememora o papel dessa força na vida dos homens:

“Somos conduzidos pelos fados: cedei aos fados; nossas inquietas preocupações não podem mudar os fios do fuso fatal. Tudo que nos acontece, ó raça dos mortais, tudo que fazemos, vem do alto. A roca de Láquesis, que não alguma pode fazer voltar atrás, assegura o que está decretado.

Tudo caminha num percurso fixado e o primeiro dia determina o último. Não é permitido nem mesmo aos deuses modificar as coisas que caminham submetidas a suas próprias causas.

A ordem dos fatos prossegue, para cada um, e não pode ser mudada por nenhuma prece; para muitos, o que os perde é ter tido medo; muitos correm ao encontro do destino porque temem o destino” (*Oed.* 980-994).

Os reis não comandam, portanto, a própria sorte. Não são donos dos próprios fados. Sua situação é precária e transitória. Sua vida, comparada com a dos pobres e plebeus não é, assim, tão invejável. Nos lares dos homens comuns há mais tranqüilidade e segurança, menos temor e menos inquietação.

É um *tópos* nas tragédias senequianas o confronto entre a vida dos poderosos e a dos homens do povo, entre o que ocorre no palácio real e na casa modesta ou na choupana miserável. E nesse confronto leva a vantagem aquele a quem o destino e a sorte não reservaram o poder.

Em *Fedra*, observamos algumas referências importantes à vida tumultuada dos palácios, diferentes, em tudo, da que se vive nos lares humildes.

A primeira ocorre na segunda cena do prólogo, quando, dialogando com Fedra e tentando reprimir-lhe o amor adúltero e incestuoso por Hipólito, a ama censura os que são ricos e poderosos por desejarem viver experiências pecaminosas que muitas vezes levam a catástrofes:

“Quem vive feliz, entre coisas excessivamente favoráveis, nadando no luxo, sempre almeja prazeres insólitos. Então se insinua o desejo culposo, terrível companheiro de uma grande fortu-

na: já não agradam os alimentos costumeiros, nem a saudável casa habitual, nem a taça comum. Por que nos lares simples raramente aparecem as desgraças que escolhem as residências elegantes? Por que uma Vênus casta habita as casas pequenas e o povo mantém afetos sadios e as pessoas modestas se refreiam? Contrariamente, os ricos e os que se firmam no poder desejam mais do que é permitido. Quem pode muito quer poder o que não pode” (*Phae.* 204-215).

A segunda referência ocorre no primeiro episódio. Desejando salvar Fedra da morte certa, a ama procura Hipólito, objeto da sigilosa paixão da rainha, e tenta convencê-lo da importância do amor na vida de um jovem. Dá-lhe conselhos para que se entregue à vida amorosa, freqüente a cidade, busque a companhia de outros jovens, como ele. A longa réplica de Hipólito (*Phae.* 483-564) é um hino de louvor à vida nas florestas, livre, sem vícios, sem a loucura das atividades citadinas, sem o sopro do favor popular, sem invejas, sem as frágeis alegrias da ambição, sem o desejo de honras vãs e de efêmeras riquezas. O homem que assim vive, segundo as palavras de Hipólito, não tem expectativas nem medos, não se submete à inveja e não conhece os crimes, não precisa policiar suas palavras, não deseja morar numa “floresta de colunas revestidas de ouro” – alusão direta de Sêneca aos palácios reais e, talvez, à luxuosa moradia de Nero – nem tem necessidade de sacrificar uma centena de vítimas num altar. Em compensação, tem a seu dispor os espaços imensos, faz armadilhas para as feras, nada nos rios, ouve o canto dos pássaros, entretém-se à margem dos regatos, colhe frutas, alimenta-se frugalmente, bebe na concha da mão. “Muito mais seguro”, diz ele, é o sono que se apossa daquele que estende seus membros num leito rude” (*Phae.* 520-521). Ele não pensa em coisas furtivas e não se esconde; vive como viveram os primeiros homens que não tinham a sede do ouro nem marcas para estabelecer o limite de suas propriedades, não conheciam a navegação nem a agricultura e se nutriam com o que a terra lhes oferecia.

Hipólito continua:

“Romperam este pacto a ímpia loucura do ganho, a cega ira e o desejo culposos que domina os espíritos dos quais se apodera; nasceu, então, a cruenta sede do poder e o fraco se tornou

presa do forte. Em lugar do direito começou a haver força” (*Phae.* 540-544).

Iniciaram-se as guerras, a terra se banhava em sangue e o crime hediondo entrou no seio das famílias, levando um irmão a matar o outro, o filho a matar a mãe, a esposa a assassinar o marido. Crimes palacianos evocados pelo autor? Alusões aos assassinios de Britânico, de Agripina e de Cláudio?

No início do último estásimo, encontramos a terceira referência ao contraste que existe entre a vida dos ricos e a dos pobres, nas observações sobre as vicissitudes que afligem os poderosos, feitas pelo coro de atenienses:

“Quão grande é o número dos infortúnios que transtornam a vida dos homens! A fortuna se enfurece menos em relação aos humildes e a divindade fere de modo mais fraco os que são mais fracos; a obscura quietude mantém-nos tranquilos e a choupana lhes oferece uma velhice segura. As cumeeiras dos palácios, voltadas para as regiões etéreas, é que recebem as investidas do Euro e do Noto, as ameaças do Bóreas desvairado e o tempestuoso Coro. Raramente o úmido vale sente a queda de um raio: quem estremece com os dardos do altíssimo Júpiter é o enorme Cáucaso e o bosque frígido da mãe Cibele; temendo pelo céu, Júpiter golpeia o que se avizinha do alto; a casa plebéia de teto humilde não sofre jamais um grande abalo; é em torno dos palácios que ele troa” (*Phae.* 1123-1140).

A mesma idéia é desenvolvida no final do párodo de *Agamêmnon*, cantado pelo coro das mulheres de Micenas. Depois de ter afirmado que tudo aquilo que a Fortuna coloca nas alturas está pronto para cair o coro faz o contraste:

“Numa situação modesta a vida é mais longa. Feliz é aquele que, no meio da multidão, contente com sua sorte, bordeja as praias seguras e, temeroso de confiar seu barquinho ao mar, toca a terra próxima com seu remo” (*Aga.* 100-107).

E esse contraste, de certa forma, também se faz presente no pri-

meiro estásimo de *Tiestes* quando, após ter discutido o que é a realeza, o que é que faz o verdadeiro rei, o coro fala de seus próprios desejos, deixando que em suas palavras se projete o pensamento do autor:

“Quem quiser, que permaneça poderoso, na perigosa cumeira de um palácio; quanto a mim, que me satisfaça a doce tranqüilidade; que colocado em minha obscura condição, eu possa gozar de um agradável ócio; que, desconhecido dos cidadãos romanos, minha vida possa fluir em silêncio. Assim, quando meus dias chegarem ao fim, que eu possa morrer velho e plebeu, sem nenhum clamor. A morte só desaba pesada para aquele que, excessivamente conhecido de todos, morre desconhecido de si próprio” (*Thy.* 391-403).

É um belo trecho, sem dúvida, a exemplificar o contraste explorado. No primeiro estásimo de *Hércules no Eta*, Sêneca insinua que ser rei é, acima de tudo, enfrentar problemas. Os privilégios inúmeros, desfrutados pelos grandes, acarretam a solidão. O rei não tem amigos, tem súditos; não é amado: é temido ou bajulado; não vive entre iguais, está acima de todos e, por conseguinte, está fora do mundo dos comuns. Nesse cântico, as mulheres da Etólia, após lamentarem a sorte de Dejanira, fazem uma interessante reflexão sobre a falta de amigos leais, a cercarem os reis, sobre a inveja e os motivos vis que alimentam os interesseiros. E, mais uma vez fazem a comparação entre o que acontece com os ricos e o que ocorre com os plebeus. Com relação aos primeiros, a felicidade é passageira, a riqueza traz medos, as guerras ameaçam, os crimes são iminentes, a própria infidelidade conjugal é um fato; para os plebeus a vida é segura, sem temores, e as esposas são fiéis a seus maridos:

“Ó tu, quem quer que sejas, que empunhas o cetro, mesmo que o povo todo bata ao mesmo tempo às cem portas de teu palácio, quando caminhas escoltado por tanta gente, dificilmente entre tanta gente haverá uma única lealdade. A Erínia domina o limiar de ouro e quando as grandes portas se abrem entram as fraudes, os dolos cautelosos, o ferro escondido; quando te preparas para andar no meio do povo, a inveja é um membro da comitiva; todas as vezes que a Aurora dissipa a noite, podeis crer, vós

todos, que o rei está renascendo. São poucos os que amam os reis e não o poder; o fulgor do palácio conclama a maioria; um deseja ficar próximo do rei e caminhar famoso pelas cidades alegres; a glória lhe inflama o peito infeliz; outro deseja matar sua fome de riquezas; entretanto, nem toda a extensão do gemífero Istro nem toda a Lídia extingue sua sede, nem a terra exposta ao zéfiro, que se admira de que o claro Tejo reluza com suas águas cheias de ouro, nem se todo o Ebro se submetesse a ele e se o rico Hidaspes unisse seus campos e se visse que o Ganges corria dentro de suas propriedades: para os ambiciosos toda a natureza é pouco.

Alguns cultuam os reis e os lares dos reis não para que os agricultores, sempre comprimindo o arado, nunca deixem de trabalhar ou para que mil colonos cortem suas eiras: só desejam as riquezas que podem esconder. Outros cultuam os reis para poder pisar em todos, causar a ruína de alguns e não socorrer ninguém. Desejam ser poderosos apenas para prejudicar os demais. Mas quantos deles morrem na hora fixada pelo destino? Aqueles que Cíntia viu felizes, o dia seguinte, ao nascer, vê desgraçados. É raro que aquele que é feliz também o seja quando velho. Mais suave que a púrpura tíria, a relva costuma proporcionar um sono sem sustos; os tetos dourados perturbam o repouso e a púrpura acarreta noites de insônia. Ah! se os corações dos ricos pudessem abrir-se! Quantos temores a imensa fortuna lhes provoca em seu mundo interior! O mar de Brútio, quando suas ondas se encapela pela força do Coro, é mais tranqüilo. Os pobres têm segurança em seus corações. Seguram taças feitas da madeira de uma faia copada, mas as seguram em mãos sem medo; consomem alimentos simples e comuns, mas não vêem espadas desembainhadas; o sangue é dado a beber nas taças de ouro. A esposa de um homem modesto não ostenta, enfiados num colar, os brilhantes dons do mar Vermelho; as pedras recolhidas nas águas orientais não lhe repuxam as orelhas carregadas de jóias; para ela, as lãs macias não se tingem de cores rubras, mergulhadas várias vezes na tintura sidônia, nem o filamento que o sere exposto ao sol nascente colhe nas árvores orientais as enfeita com as obras das agulhas meônias. As ervas comuns tingem os

panos que suas mãos inábeis teceram mas ela não aquece leitos proibidos” (H.O. 604-691).

Após essas considerações, como ocorrera no primeiro estásimo de *Tiestes*, antes mencionado, o coro se coloca entre os plebeus, fala de suas modestas aspirações, assumindo a atitude preconizada pelo estoicismo, e protesta confiança em sua sorte:

“Que uma outra pessoa feliz e grande proclame seu próprio nome; que multidão alguma diga que eu sou poderoso. Que meu frágil barquinho resvale a praia, que nenhum vento forte obrigue minha embarcação a singrar o alto mar. A Fortuna deixa de lado as velas seguras e persegue, no meio das ondas, os navios cujas velas tocam as nuvens” (H.O. 692-699).

Os exemplos que coligimos são suficientes – cremos – para ilustrar o que antes dissemos e que repetimos agora, à guisa de uma conclusão: o poder real se submete à sorte e ao destino e é, portanto, instável, frágil e efêmero; os reveses derrubam os tronos e tudo aquilo que parece ser rocha se desfaz em pó; as riquezas mudam de mãos com extrema facilidade; as guerras são uma ameaça constante. Os reis estão sempre à beira da queda, as preocupações os atormentam e lhes tiram o sono. A confiança é nula, os súditos não são leais, a vida não é segura. Os palácios não oferecem proteção, os crimes ali fermentam, os que os freqüentam são movidos por interesses dúbios e discutíveis. Por tudo isso, é muito mais tranqüila a vida dos homens comuns, dos pobres, daqueles que, ao invés de afrontar os vagalhões, permanecem junto à praia e não temem os temporais. Valendo-se dos textos poéticos, Sêneca os utilizou como parábolas para divulgar importantes idéias acerca dos problemas que afligem os governantes.

BIBLIOGRAFIA

BELLINGTON, M. *Educazione alla sapientia in Seneca*. Brescia, Paideia, 1978.

- BRADEN, G. *The rhetoric and psychology of power in the dramas of Seneca. Arion* 9 1970 5-41.
- RUN, J. *Les stoïciens*. Paris, PUF, 1957.
- CURLEY, T.P. *The nature of Senecan drama*. Roma, Ed. dell'Ateneo, 1986.
- DUPONT, F. *Le théâtre latin*. Paris, Colin, 1988.
- GRIMAL, P. *L'image du pouvoir royal dans les tragédies de Sénèque. Pallas* XXXVIII 1992 409-416.
- _____. *Sénèque ou la conscience de l'Empire*. Paris, 1979.
- HENRY, D. & HENRY, E. *The mask of power*. Warsminster, Wiltshire, Aris & Phillips, 1985.
- HERRMANN, L. *Le théâtre de Sénèque*. Paris, Les Belles Lettres, 1924.
- MANGAS MANJARRÉS, J. *Séneca o el poder de la cultura*. Barcelona, Debate, 2001.
- PRATT, N. T. *The stoic base of senecan drama. TAPA* 79 1948.
- SÉNÈQUE. *Tragédies*. Texte ét. et trad. par L. Herrmann. Paris, Les Belles Lettres, 1967.